

Histórias de dor e bravura

Por José Godoy, para o Valor, de São Paulo



Nuno Lobo Antunes: artigos reunidos em "Sinto muito" falam tanto de médicos que vão a enterros quanto do sofrimento de pessoas das mais variadas etnias, "tanta raça, a mesma humanidade"

Nuno está perdido num bangalô em Furanafushi, uma das milhares de ilhas que constituem as Maldivas. Mal sabe as horas, enquanto sua voz pastosa saúda com uma cordialidade contida seu interlocutor. Fala um português num sotaque que desvia os pensamentos de quem o ouve. Qual é sua origem? Nuno fala como se oriundo de um território lusófono não identificado, que, a partir da mistura de sotaques múltiplos, deu à luz uma prosódia muito própria. Ou, mais provável, Nuno simplesmente fala como os homens muito viajados, os homens que, pelo excesso da experiência de ouvir, falam a voz de todos nós. Nuno está perdido num bangalô em Furanafushi, mas a telefonista o localiza a partir de seu sobrenome: Lobo Antunes.

Nascido em Lisboa, em 1954, quinto dos seis filhos homens de uma proeminente família de médicos portugueses, Nuno desde cedo aprendeu a lidar com a enfermidade e com o elevado senso crítico. Nascido prematuro, foi derrubado aos 3 anos, em plenas férias de verão, por uma peritonite que o deixou à beira da morte. Não bastasse a enfermidade na infância, aprendeu desde cedo a lidar com o peso do talento e da tradição familiares. Ou, como diz, "a coisa mais notável que fiz até aos 20 anos foi quase ter morrido".

Seu pai, o neurologista João Alfredo, era dado a citar Pascal, pautava-se pelo rigor, pela aspiração à perfeição. Seu irmão, o neurocirurgião João, é um dos mais respeitados médicos portugueses da atualidade. Já António, o irmão mais velho, é, além de psiquiatra, um dos maiores autores de nosso idioma. É, antes de tudo, o irmão que a confortável diferença de mais de uma década imantava com uma aura excêntrica, em detalhes como as cinzas de cigarro depositadas numa caveira usada como cinzeiro. Emigrar nesse cenário não era uma opção, mas sim a rara oportunidade de estabelecer uma identidade própria.

Seguiu para Nova York aos 31 anos, onde passou mais de uma década em hospitais locais. Seu irmão João já estava em Columbia, mais exatamente no conceituado Centro Médico Columbia-Presbyterian. Ano a ano, nos verões, Nuno seguia para a cidade e se apresentava como voluntário, até que foi aceito no programa passando por uma acirrada seleção. Foi o primeiro estrangeiro em anos a conseguir uma vaga.

Neuropediatra oncologista, sua especialidade dá pistas do que viria a seguir. Numa espécie de entusiasmo pausado, ele passa a contar o que viu e viveu nas últimas décadas. Em muito é essa vivência que, liberta do peso da palavra escrita dentro do próprio clã, ganhou as páginas da revista portuguesa "Lux", em meados da década. Pequenos artigos que coligidos formam a base do volume "Sinto muito", estrondoso sucesso no país de Fernando Pessoa, que, lançado em 2008, rapidamente chegou à décima edição. Desempenho tão raro que encheria de orgulho e de uma saborosa inveja branca seu irmão escritor. A edição brasileira, que acaba de ser lançada, traz um prefácio do compatriota e espécie de tutor, António Damásio, e posfácio de Drauzio Varella.

A história dos artigos é interessante. Sua mulher, a jornalista e apresentadora de televisão, Filipa Garnel, é diretora da "Lux". Uma publicação focada em moda, comportamento e na agitada vida das celebridades. Convidado a escrever uma coluna de medicina, Nuno passou a discorrer sobre conselhos de saúde na publicação. Leitura rápida, indolor.

Certo dia veio o estalo. Por que não contar passagens de sua trajetória profissional? Nuno o fez, e a caixa de e-mails começou a encher. Gostou do experimento. Mas a revista, a editora, a mulher-diretora, não. Alternando o espaço como outros profissionais de saúde, a nova abordagem destoava dos demais. Porém, o bichinho inquieto da escrita já se instalara. "Das duas uma", disse, "ou me põem fora ou escrevo sobre estas coisas." Prosseguiu.

Na Babel nova-iorquina, onde todos são estrangeiros, Nuno tratou de gente das mais diferentes origens. De muçulmanos a judeus ortodoxos, de sobreviventes de Tchernobil a habitantes de Chinatown. As mais distintas raças ou, como repete como um mantra ao longo dos textos, "tanta raça, a mesma humanidade". Ao sofrer somos todos irremediavelmente iguais.

Invertendo padrões ou simplesmente raspando a fantasia ficcional - cristalizada em nossa mente pelo excesso de seriados com homens de jaleco e enfermeiras cobertas por toucas cirúrgicas verde-água -, seu relato dá conta de médicos que vão a enterros, que simplesmente não conseguem esquecer pacientes perdidos; de mães que vestem crianças já mortas para o necessário adeus de quem cuidou daquele corpo frágil. A vida se apresenta com tal intensidade que rasga o manto da vaidade. A fragilidade dos homens é um artigo cru. E boa parte dessas histórias se dá na América. No país que se

autodenomina América e como nenhum outro soube mitificar o cotidiano de seus médicos.

Do Harlem dos anos 80, inundados pelo crack e pela aids. Em que internos de hospitais estrelados, como Nuno, prestavam atendimento, chegando em peruas que, carregando os emblemas das ricas universidades da ilha, seguiam incólumes em meio ao caos, do batalhão de braços negros perfurados. À Manhattan de crianças de cabelinhos alourados e olhares angelicais que o médico do Benfica viu desaparecer dia após dia.

Não é à toa que ele muda o tom da conversa quando vem à tona a decantada vaidade dos doutores. O complexo de Deus. Se em pequenos povoados lusitanos a falta de estrutura dava aos médicos um prestígio "imediatamente abaixo do Criador", no corpo de profissionais de um grande hospital tudo é demasiadamente humano. Num território em que "no mistakes" é um slogan, como lidar com os próprios limites? Dúvida que emula a voz do próprio pai. "A sabedoria só nos chega quando já não serve para nada."

Essa inversão de expectativas que pontua a conversa se repete na leitura de seus textos. Em pequenas pistas como um sotaque sem território definido. No conjunto de relatos repletos de histórias de dor e bravura na Costa Leste americana, que fixam à mente esse cenário, enquanto seu autor atende o celular em algum canto do Índico. Que chega a ter ares cômicos ao se folhear a capa de publicação que estampa a primeira-dama francesa e esconde em seu interior um petardo como a pequena grande história do cigano que não aceita a morte da filha em pleno coração de Manhattan.

O reflexo natural é apontar na direção dos estereótipos. Esses, ao que parece, só se desmancham quando confrontados pelo excesso de franqueza. É o que o dr. Antunes tem a oferecer em doses colossais. Seu antídoto - um manancial de histórias de pouco mais de 500 palavras -, são como pílulas tão movediças quanto comoventes. Longe das explicações mais fáceis, não chega a ser surpresa porque, mesmo perdido em Furanafushi, ele ainda assim atenda com cordialidade ao chamado.